
1 Orientação metodológica da investigação

Retomando o que já foi exposto na introdução do presente trabalho sobre esta matéria, começamos por referir a opção feita por uma pesquisa empírica de cariz etnográfico, ou, dito de outro modo, por uma investigação qualitativa¹, a qual se deveu ao facto de esta permitir explorar intensivamente um domínio pouco conhecido, em que se constatava a inexistência de produção científica e de informação sistematizada sobre o nosso de objecto de estudo: uma Universidade da Terceira Idade, em Portugal, assim como a falta de reflexão sociológica sobre a educação para os idosos, particularmente neste país.

Em conformidade, uma investigação inspirada nos princípios metodológicos do *estudo de caso*² permitiria compreender, no sentido weberiano³, os processos sociais

¹ Bogdan & Biklen (1994) esclareceram que a expressão *etnográfica* é utilizada muitas vezes no mesmo sentido que *investigação qualitativa*, e esta última é usada “como termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por *qualitativos*, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objectivo de investigar os fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural” (Bogdan & Biklen (1994), p. 16).

² Para além de Bogdan & Biklen (1994), que indicam o “estudo de caso” como uma de entre muitas expressões associadas à investigação qualitativa, F. Costa (1990) é outro autor que também referiu esta diversidade de expressões para designar este tipo de pesquisa. Este autor adoptou a expressão de “*pesquisa de terreno*” mas indicou o uso de outros termos como «“trabalho de campo”, “estudo de caso”, “estudo de comunidade”, “análise intensiva”, “método qualitativo”, “etnografia”, “observação participante”», sem deixar de advertir que não significam exactamente a mesma coisa, mas que “Pertencem a sistemas alternativos de classificação dos métodos de pesquisa, estruturados segundo eixos diversos. Por isso as ênfases são diferentes e os recobrimentos apenas parciais” (Costa, 1994, p. 129). Costa salientou igualmente, que todas estas expressões que designam um método de pesquisa de terreno [método que “supõe, genericamente, *presença prolongada* do investigador nos contextos sociais (...)] contrapõem-se a outros métodos de pesquisa sociológica “tais como: a) os que assentam predominantemente na análise de dados estatísticos institucionalmente produzidos ou na de outros documentos; b) os que têm como principais procedimentos a realização de inquéritos por questionário ou de entrevistas, através de contactos pessoais de carácter pontual; c) os que consistem em experimentações de tipo laboratorial” (Costa, 1990, pp. 129-130).

³ Weber (1993) defendeu uma “compreensão interpretativa” das acções humanas que encontramos logo de início na sua obra, *Economia e Sociedade*, publicada pela primeira vez em 1922, ou seja, 3 anos após a sua morte (Weber, 1993, pp. 5-23). Recorde-se que Weber é um dos autores mais significativos da sociologia interpretativa e que esta incluiu outras correntes teóricas como a etnometodologia, que teve em Garfinkel um dos seus precursores mais importantes, como já referimos no Capítulo V; a fenomenologia,

que ocorrem neste contexto educativo não-formal, mas também obter dados para caracterizar o mais profundamente possível essa realidade pouco conhecida sociologicamente.

Assim, pretendia uma forma de construir um esquema de leitura da realidade e não tanto a comprovação de uma teoria ou de hipóteses preexistentes, não invalidando a formulação de algumas hipóteses, nem a convocação de certas perspectivas teóricas que nos orientassem na investigação (cf. Lüdke & André, 1986, p. 13).

Neste sentido, esta pesquisa revestiu a forma de um “estudo tipo etnográfico” (André, 1995, p. 28)⁴, sendo utilizadas técnicas de trabalho de campo, de observação, de entrevistas e de pesquisa documental, entre outras. O trabalho de campo na Universidade da Cultura e do Lazer decorreu entre Abril e Junho de 2001, em todos os dias de funcionamento que correspondiam aos dias úteis. Retomou-se em Outubro de 2001, sendo mais espaçadas as permanências até Abril⁵, voltando nesta data a uma estada quase diária até meados de Julho, época em que fecha para férias. Em Outubro de 2002 regressámos à Universidade para concluir a nossa pesquisa, que finalizámos durante esse mês.

sendo uns dos seus nomes principais os filósofos Edmund Husserl e Alfred Schutz e o interaccionismo simbólico, cujo autor mais marcante desta perspectiva foi George Herbert Mead, como já referimos no capítulo V.

⁴ Relembrando o sentido desta expressão “estudo tipo etnográfico”, e a que já recorremos na introdução deste trabalho, esta significa, para André, que nem sempre se utilizam todas as dimensões que caracterizam um estudo etnográfico como “uma longa permanência do investigador em campo, o contato com outras culturas e o uso de amplas categorias sociais na análise de dados” (André 1995, p. 28).

⁵ Registou-se uma menor frequência por parte de alguns formandos devido ao rigor do clima no Inverno, aspecto também indicado pela Direcção.

2 Opções metodológicas e Procedimentos de Investigação

2.1 A selecção do objecto de investigação

A escolha da Universidade a estudar teve por base o estudo exploratório que realizámos entre 1998 e 1999 sobre as Universidades da Terceira Idade em Portugal. A necessidade de elaborar um estudo exploratório partiu da inexistência de qualquer tipo de informação sistematizada e profunda⁶ sobre estas instituições. O referido estudo exploratório teve como objectivo principal conhecer a realidade portuguesa, focando diferentes aspectos, como a localização das diferentes Universidades, os seus estatutos, os seus objectivos, as actividades desenvolvidas, as pessoas que abrangiam, os formadores e também se estas instituições dependiam ou se se encontravam em articulação com algum organismo nacional ou estrangeiro⁷ que exercesse funções de coordenação.

Para se concretizar este estudo exploratório realizámos entrevistas⁸ aos representantes das diferentes Universidades da Terceira Idade portuguesas, com restrição ao território continental. A primeira dificuldade com que deparámos foi localizar geograficamente estas instituições e saber o seu número. Para colmatar estas lacunas dirigimo-nos a alguns Centros Regionais de Segurança Social e ao Ministério da Educação. O que obtivemos foi uma listagem dos equipamentos para idosos

⁶ No próximo capítulo, mais precisamente na primeira parte, especificaremos a informação a que nos referimos e apresentaremos os resultados do estudo exploratório.

⁷ Todas estes aspectos integram o guião de entrevista aos responsáveis das diferentes Universidades da Terceira Idade que foram entrevistados por nós e no âmbito desta pesquisa (cf. anexo).

⁸ Posteriormente abordaremos esta técnica de recolha de dados.

fornecida pelo Centro Regional de Segurança Social de Braga e a referência à existência da primeira Universidade da Terceira Idade portuguesa por parte do Ministério da Educação. A referida listagem dos equipamentos para idosos incluía igualmente as Universidades da Terceira Idade da zona abrangida pelo citado centro. Assim, e a partir destas indicações iniciais fomos estabelecendo esses contactos e através deles solicitando informação sobre a existência de outras congéneres. Ao finalizar o estudo exploratório tínhamos conhecimento da existência de 26⁹ Universidades da Terceira Idade em Portugal Continental e entrevistado *in loco* os responsáveis de 22 dessas instituições¹⁰, implicando deslocações às diferentes regiões de Portugal Continental (consultar mapa com a indicação da localização destas instituições no capítulo V).

Depois da análise dos dados recolhidos por esse estudo exploratório, avaliámos as possibilidades de realizar trabalho de campo numa Universidade da Terceira Idade que indiciasse abranger população reformada de diferentes posições sociais, portanto que pudesse contrariar a ideia comum de que as UTI's eram contextos educativos classistas. Assim, um dos possíveis indicadores da presença de actores sociais provenientes de diferentes classes sociais, que considerámos, foi a contemplação de uma actividade cultural específica: a alfabetização.

Para além desta dimensão importante a ter em conta na escolha da Universidade, as condições de exequibilidade da pesquisa, tais como não ser muito distante em termos

⁹ Consideramos ser um número bastante próximo da realidade daquela altura - entre 1998 e 1999 - porque foi realizada uma pesquisa exaustiva contactando com Universidades da Terceira Idade, abrangendo diferentes regiões de Portugal Continental, e cujos responsáveis tinham conhecimento de outras Universidades. Um novo aspecto a ter em conta é o facto de continuarmos atentos aos diversos meios de comunicação social e contactando com *informadores qualificados* sobre as diferentes Universidades da Terceira Idade que, entretanto, têm vindo a surgir, o que traduz uma realidade ainda em expansão.

¹⁰ Não foi possível contactar pessoalmente, mas apenas pelo telefone, as quatro Universidades que faltavam e devido a duas ordens de motivos: incompatibilidade de horários e por alguns responsáveis serem de opinião que, como as respectivas instituições eram muito recentes, não seria adequado a recolha de informação, o que se compreende. Por considerarmos que não alterava muito o panorama das Universidades que tínhamos obtido pelas 22 entrevistas, decidimos não prolongar mais este estudo exploratório que teve uma duração de um ano.

geográficos e as circunstâncias em que decorreram as entrevistas anteriores, também nos permitiram ponderar a escolha de um local mais favorável para o trabalho de campo e que veio a incidir na Universidade da Cultura e do Lazer. Esta designação, por não corresponder ao seu nome real, permite salvaguardar um dos princípios éticos a respeitar na investigação em Ciências Sociais: a protecção das fontes de informação¹¹. Para além disso, esta designação tenta traduzir as dimensões significativas à volta das quais se organiza aquele espaço social.

2.2 Contactos com a Universidade da Cultura e do Lazer e autorização da investigação

Embora não fosse a primeira abordagem estabelecida com a Universidade da Cultura e do Lazer, quando decidimos realizar o estudo de caso neste local foram encetados novos contactos com vista a obter a necessária autorização para a concretização da pesquisa. Deste modo, explicitámos a natureza e os objectivos desta nova fase da investigação, e o tipo de dados que visávamos recolher desta vez. Também foi enfatizada a necessidade da nossa permanência prolongada na instituição, observando directamente as diferentes actividades. A Direcção, na pessoa do seu presidente, acedeu com bastante entusiasmo ao nosso pedido, não colocando qualquer

¹¹ O nome fictício que escolhemos visa preservar a confidencialidade e o anonimato da instituição em causa e das pessoas envolvidas na pesquisa. Este aspecto é uma das dimensões ou princípios éticos que alguns autores salientam que se deve ter em conta nas investigações das Ciências Sociais em geral. Como exemplo desses autores temos Bogdan & Biklen (1994), que defendem a este respeito o seguinte: “As identidades dos sujeitos devem ser protegidas, para que a informação que o investigador recolhe não possa causar-lhes qualquer tipo de transtorno ou prejuízo. O anonimato deve contemplar não só o material escrito, mas também os relatos verbais da informação recolhida durante as observações. O investigador não deve revelar a terceiros informações sobre os seus sujeitos e deve ter particular cuidado para que a informação que partilha no local da investigação não venha a ser utilizada de forma política ou pessoal” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 77).

reserva à nossa proposta de trabalho de campo, antes pelo contrário, incentivando a sua realização.

Estes primeiros contactos não foram unicamente com a Direcção, mas também procurámos ambientar-nos com as diferentes pessoas, com os espaços físicos, com os ritmos estabelecidos pelas diferentes actividades e com o horário. Assim, esta primeira fase foi de apresentação pessoal e do objectivo da nossa pesquisa, criando uma certa empatia e relação de confiança. Podemos caracterizar os primeiros dias como sendo uma fase de conhecimento mútuo, de aceitação da nossa pessoa¹², de aprender a movimentar-nos na instituição¹³.

2.3 Métodos e técnicas de investigação e registo de dados

Ao longo da pesquisa empírica foram utilizadas diferentes métodos e técnicas com o intuito de complementar, aprofundar e cruzar informação¹⁴. A observação directa, não participante e participante, a entrevista, as notas de campo, a pesquisa documental e o inquérito por questionário foram utilizados nesta pesquisa.

¹² Burgess (1997) dedica especial atenção ao início da pesquisa e à questão do acesso ao local da escola, frisando que este pode condicionar o desenvolvimento e o sucesso da pesquisa: “Ganhar acesso é uma fase essencial do processo de investigação. Porque o acesso é um pré-requisito, uma condição prévia para que a pesquisa se realize. Em segundo lugar, o acesso influencia a fiabilidade e a validade dos dados que o investigador obtém subsequentemente. Os pontos de contacto que o investigador tem com uma instituição, organização, ou grupo, influenciarão a recolha de dados e a perspectiva que pode ser tomada” (Burgess, 1997, p. 48).

¹³ Os primeiros dias no terreno são considerados por Bogdan & Biklen (1994) exactamente como uma fase de «“aprender os cantos à casa”», período dedicado às apresentações pessoais e à pesquisa, sendo também um período caracterizado por uma “sensação de desconforto e de não se pertencer àquele mundo, (...)”, geralmente acaba com uma indicação clara de aceitação por parte dos sujeitos. Um convite para um acontecimento social ou um pedido para participar numa actividade normalmente restrita aos membros da instituição podem representar essa aceitação” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 124).

¹⁴ A utilização de diferentes técnicas é usual, como salientou Costa (1990): “Não é incomum que as técnicas nucleares da pesquisa de terreno se associem, complementarmente, outras técnicas, como questionários, entrevistas estruturadas, análises de estatísticas e doutros documentos” (Costa, 1990, p. 132).

2.3.1 A observação directa, não participante¹⁵

Realizámos observações directas, não participantes, a diferentes actividades culturais que se desenvolveram na Universidade da Cultura e do Lazer, designadamente Alfabetização, Francês, Economia, Educação para a Saúde, Artes Plásticas, Artes Decorativas, Bordados, Conversas com o Cristianismo, História de Arte, História Local, Antropologia e Ginástica.

Nestas diferentes actividades, a que assistimos, procurámos colocar-nos sempre num local o mais discreto possível, dependendo da arquitectura do compartimento em questão, ficando ao lado de uma coluna que existia numa das salas, ou ao fundo nas outras salas, tentando evitar tanto quanto possível interferir com a nossa presença no decurso das actividades¹⁶. Embora, concretamente nas actividades das Artes,¹⁷ estar o mais discretamente possível não significasse permanecermos sentados a um canto (qualquer que ele fosse), mas antes estarmos junto de um dos inúmeros “grupinhos” que se formavam dentro da sala e irmos circulando de grupo em grupo. Portanto, como existia um certo dinamismo nestas actividades, dava nas vistas quem ficasse a um canto¹⁸.

¹⁵ Acerca desta técnica de investigação convocámos P. Woods (1993) para esclarecer o seu significado: “(...) neste caso, o investigador somente desempenha o papel de investigador e observa situações com interesse (...) O investigador é, teoricamente alheio aos processos e adopta técnicas da «mosca na parede» para observar as coisas tal como sucedem, naturalmente, com a menor interferência possível da sua presença” (Woods, 1993, p. 52).

¹⁶ A este propósito Bogdan & Biklen (1994) referem que “Os investigadores qualitativos tentam interagir com os seus sujeitos de forma natural, não intrusiva e não ameaçadora. (...) Como os investigadores qualitativos estão interessados no modo como as pessoas normalmente se comportam e pensam nos seus ambientes naturais, tentam agir de modo a que as actividades que ocorrem na sua presença não difiram significativamente daquilo que se passa na sua ausência” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 68).

¹⁷ Nas actividades das Artes, a que assistimos, estas funcionavam de forma diferente das demais, na medida em que os formandos conversavam uns com os outros enquanto realizavam os seus trabalhos e circulavam livremente pela sala quando entendessem (ou para ir falar com o formador, ou com outro colega, ou ir buscar material).

2.3.2 A observação participante¹⁹

Para além das actividades, havia outros três lugares de eleição para a observação participante: a sala de convívio, onde existia um bar (que era conhecida pelo “bar”), o espaço da biblioteca e a sala da Direcção. Nestes locais, para além da simples observação que fazíamos do que se passava ao nosso redor, a conversa informal com os diferentes actores sociais foi de extrema importância, acedendo assim a informação que de outro modo seria difícil obter, quer pela irregularidade com que alguns formandos e formadores frequentavam a Universidade, quer porque no decorrer das actividades não era possível estabelecer um diálogo. Também era importante a nossa presença nestes locais, visto desenrolar-se aí a “vida” da Universidade.

O “bar” era o local onde encontrávamos pessoas que frequentavam a Universidade, exclusiva e essencialmente para conviver e jogar dominó. Para além disso, era um espaço de encontro e convívio para muitos, um local de espera entre as diferentes sessões para outros, ou ainda para realizar algumas tarefas como bordar ou ler.

¹⁸ Aliás, na primeira sessão a que fomos assistir e nos momentos iniciais em que entrámos na sala, depois de falarmos com a formadora, tentámos perceber o funcionamento desta actividade, tendo-nos sentado a um canto, sendo alvo de olhares interrogadores, também um facto normal por ser a primeira vez que nos viam, mas, passado uns momentos, algumas formadoras já conhecidas vieram ter connosco e apresentaram-nos às outras colegas. Daí para a frente, a nossa situação nestas aulas era ficar junto a “grupinhos” observando o que se passava.

¹⁹ Usámos esta expressão *observação participante* no sentido em que Costa (1990) abordou: “Trata-se, evidentemente, duma observação directa, mas num sentido menos restrito do que o atrás referido. Não se pretende minimizar a interferência que origina. A frequentação do maior número possível de locais do contexto social em estudo, a presença repetida no maior número das actividades de todo o tipo que nele se passam, a permanente conversa com as pessoas a que nele pertencem – são acções com elevado índice de interferência. A conversa informal e a entrevista, em particular, são situações sociais em que a presença do investigador se impõe de maneira muito forte, em que o peso relativo do impacto do processo social de pesquisa é muito elevado” (Costa, 1990, p. 137). O sentido da expressão *observação participante*, que Costa defendeu, difere do sentido restrito de *observação directa*, para o qual este autor chama a atenção, e que por vezes é usado para significar “o conjunto de técnicas de observação visual e auditiva, não envolvendo interações verbais com o observador” (Costa, 1990, p. 136). Marli André também vai no sentido de Costa na sua caracterização da observação participante quando afirma: “A observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado” (André, 1995, p. 28).

A sala da Direcção era, em alguns momentos do dia, um local de muito movimento, onde formandos e formadores entravam pelos mais variados motivos, pois aí encontravam, normalmente, o Presidente da Direcção e alguns dos seus membros, além da funcionária administrativa que dava apoio à Direcção e tratava de diferentes assuntos dos formandos e dos formadores, relativos às actividades. Assim, para além de ser um local de simples observação, era também um local onde tivemos a oportunidade de realizar diferentes conversas informais com os vários actores sociais que ali iam.

O espaço da biblioteca era igualmente um local de passagem em que se podia encontrar e conversar com diferentes pessoas que por aí circulavam, ou que estavam ali a conviver, ou a fazer tempo de ir para uma actividade cultural.

Para além destes espaços e actividades também assistimos à Semana Aberta, durante a qual se promoveram diversos acontecimentos culturais e sociais, como a exposição dos trabalhos realizados no âmbito das diferentes actividades artísticas, o Sarau Cultural (espectáculo em que participaram diversos formandos, formadores e membros da Direcção), um jantar, uma missa e o “rally paper”²⁰

Todas as observações realizadas, quer as directas, quer as participantes, foram registadas num diário de campo, após cada permanência na Universidade.

²⁰ Por motivos de incompatibilidade de horários não pudemos assistir à missa e não participámos no rally paper por dificuldade em arranjar equipa.

2.3.3 A entrevista²¹

No estudo exploratório, a que já fizemos referência, recorremos à entrevista semiestruturada junto dos responsáveis das várias Universidades da Terceira Idade em Portugal Continental.

Por se tratar de um técnica de recolha de dados que proporciona um contacto directo com os actores e que permite obter dados com mais profundidade, em comparação ao inquérito por questionário, considerámos mais adequada este tipo de técnica para recolher dados sobre as Universidades da Terceira Idade no nosso país.

As 22 entrevistas decorreram, na sua maioria²², no local de funcionamento de cada uma das Universidades da Terceira Idade²³, proporcionando igualmente a observação directa desses mesmos espaços onde funcionavam essas instituições.

Na elaboração do guião das entrevistas procurámos inserir um conjunto de questões que nos permitisse obter dados sobre diferentes aspectos das Universidades da Terceira Idade²⁴.

²¹ A propósito do que se pode entender por entrevista, Quivy & Champenhoudt (1998) referiram o seguinte: “Ao contrário do inquérito por questionário, os métodos de entrevista caracterizam-se por um contacto directo entre o investigador e os seus interlocutores e por uma fraca directividade por parte daquele. Instaura-se, assim, em princípio, uma verdadeira troca, durante a qual o interlocutor do investigador exprime as suas percepções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências, ao passo que, através das suas perguntas abertas e das suas reacções, o investigador facilita essa expressão, evita que ela se afaste dos objectivos da investigação e permite que o interlocutor aceda a um grau máximo de autenticidade e de profundidade” (Quivy & Champenhoudt, 1998, p.192).

²² Houve dois casos em que não foi possível entrevistar no próprio local por estes não terem condições de espaço para a realização das entrevistas. Eram instituições que funcionavam em espaços de outras associações e só tinham direito a poucas salas onde decorriam as actividades. Assim, optou-se por fazer essas entrevistas num café.

²³ Todas as entrevistas foram previamente programadas e combinadas via telefónica, por se tratar de uma dispersão geográfica muito grande, abrangendo, na sua maioria, todo o continente litoral.

²⁴ Ver guião de entrevista que se encontra no anexo 2.

O registo magnético destas entrevistas²⁵ foi uma opção que teve em conta a possibilidade de criar um ambiente de proximidade e empatia entre entrevistador/entrevistado.

Para além do uso de entrevistas no estudo exploratório, utilizámos igualmente entrevistas na pesquisa de tipo etnográfico realizada na Universidade da Cultura e do Lazer. Estas entrevistas revestiram-se de uma forma próxima de conversas informais²⁶, dada a existência de um trabalho continuado no terreno e tendo em conta o registo no diário de campo, o qual permitia avaliar a situação e programar algumas questões que seriam esclarecidas numa conversa informal no dia seguinte. Como referimos, estas entrevistas eram registadas no diário de campo por não serem muito extensas e também porque muitas vezes, como eram inseridas em encontros “casuais”, quer fosse no bar, na sala da Direcção, ou noutro local mais de passagem, não se proporcionava a utilização do gravador.

2.3.4 A pesquisa documental

De entre os documentos produzidos pelos diversos actores sociais²⁷ da Universidade da Cultura e do Lazer, tivemos possibilidade de acesso²⁸ às seguintes fontes de informação:

²⁵ O registo áudio de todas as 22 entrevistas foi previamente autorizado por cada um dos intervenientes, sendo posteriormente transcritas e aferidas da sua fidelidade.

²⁶ Burgess refere que “poucos investigadores seguiram no terreno a abordagem estruturada preferindo usar um estilo de entrevista informal, não estruturada ou semiestruturada, o qual utiliza uma série de temas e de tópicos em torno dos quais se constituem as questões no decurso da conversa. Esta estratégia, argumenta-se, dá aos informantes uma oportunidade para desenvolver as suas respostas fora de um formato estruturado” (Burgess, 1997, p. 112).

²⁷ Bogdan & Biklen (1984) referem-se a este tipo de documentos como fontes importantes de informação e indicam vários tipos dessas fontes: “Embora não sejam tão utilizados, os materiais que os sujeitos escrevem por si próprios também são utilizados como dados. Coisas como autobiografias, cartas pessoais, diários, memorandos, minutas de encontros, boletins informativos, documentos sobre políticas, propostas,

- . Diferentes textos, que eram afixadas num quadro do átrio, versando sobre variados assuntos como visitas de estudo, passeios, avisos
- .Estatutos da Universidade da Cultura e do Lazer
- . Regulamentos Internos da referida Universidade
- . As revistas editadas pela Universidade²⁹
- . Apontamentos e outros textos fornecidos por alguns formadores³⁰.

2.3.5 O inquérito por questionário³¹

O recurso ao inquérito por questionário, como já referimos, permitiu obter informação que complementou os dados recolhidos através das outras técnicas anteriormente referidas. A possibilidade de ter acesso à opinião sobre certos aspectos da Universidade, sobre a situação social e profissional de um número mais elevado de actores sociais, foi uma das vantagens que tivemos em conta na escolha desta técnica. Assim, optámos por abranger, quer os formandos, quer os formadores, isto é, os intervenientes da Universidade da Cultura e do Lazer.

códigos de ética, declarações de filosofia, livros do ano, comunicados à imprensa, livros de recortes, cartas ao editor, cartas “Dear Abby”, artigos de jornal, ficheiros pessoais e registos individuais de estudantes e processos também incluídos. Na maior parte dos casos, o investigador utiliza o material que já existe” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 176).

²⁸ Outros documentos a que tentámos aceder, como as actas das reuniões da Direcção, não foi possível consultar, dado o seu uso restrito.

²⁹ Estas revistas contêm artigos, sendo na maioria dos casos da autoria dos formadores, de alguns membros da Direcção, concretamente do seu Presidente, e de alguns formandos. Existem alguns casos esporádicos de contributos de pessoas exteriores à Universidade da Cultura e do Lazer.

³⁰ Alguns destes textos foram escritos por um dos formadores.

³¹ A título de apresentação do que se pode entender como inquérito por questionário, Quivy & Champenhoudt (1998) afirmam que “Consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores” (Quivy & Champenhoudt, 1998, p. 188).

Na construção do inquérito para os formandos tivemos presente os objectivos pretendidos com a sua aplicação, o tipo de questões a serem formuladas e o universo da população a ser inquirida e a necessidade de se recorrer ou não a uma amostra. Depois da redacção do questionário aplicámos um pré-teste³² para se verificar da sua eficácia, permitindo corrigir possíveis imperfeições³³.

A escolha da altura do ano para se lançar os inquéritos por questionário aos formandos não foi arbitrária, visto que nos meses de Inverno se regista uma certa diminuição da afluência. Por isso mesmo a opção recaiu nos meses de Maio e Junho.

Para além da altura do ano, o local e a hora mais propícia para se conseguir encontrar um número mais elevado de formandos, perturbando o menos possível o funcionamento das diferentes actividades, foram aspectos que tivemos em conta e que foram postos à consideração do Presidente da Direcção. Assim, foi ponderado que o mais adequado seria solicitar aos formadores para que no início das suas actividades concedessem um tempo para o preenchimento do questionário, os quais acederam ao pedido. Começámos pelas actividades que tinham maior número de formandos, dando esclarecimentos sobre os objectivos do inquérito, da sua confidencialidade e eventuais dúvidas. Para além das actividades culturais também fomos a outros espaços, como o

³² O pré-teste foi aplicado a pessoas que não frequentavam a Universidade da Cultura e do Lazer, excepto uma, mas que apresentavam características semelhantes, ou seja, que tivessem mais de 50 anos, situação de inactividade profissional e ao nível das habilitações conseguisse abranger uma certa diversidade desde a 4.ª classe até à licenciatura, pois tínhamos indícios que seriam essas as habilitações que iríamos encontrar na Universidade da Cultura e do Lazer.

³³ Uma das conclusões do pré-teste é que o questionário estava longo, demorando sensivelmente uma hora a ser preenchido. A segunda conclusão foi que uma das perguntas suscitou ambiguidades. Para solucionar esta dificuldade, acabámos por ponderar acerca da importância de cada pergunta e avaliar a sua pertinência para a investigação o que levou ao corte de algumas questões que considerámos não serem de extrema relevância e à simplificação de outras. Depois disto solicitámos às mesmas e a outras pessoas, tendo em atenção as características anteriores, o preenchimento do questionário modificado. Desta vez a duração do preenchimento do questionário foi de meia hora e não se verificou qualquer problema.

bar, distribuindo questionários pelas diferentes pessoas que não os tinham ainda preenchido³⁴.

Decidimos inquirir todos os formandos que frequentavam a Universidade da Cultura e do Lazer, que segundo informação prestada pela Direcção rondariam as 150 pessoas. Esta opção teve em conta o facto de não ser um número muito elevado de elementos e também para compensar o não retorno de alguns inquéritos. Apesar da nossa presença e do pedido para o preenchimento imediato, registaram-se alguns casos em que os inquiridos preferiram responder mais tarde³⁵. Dos 150 inquéritos entregues para distribuição aos formandos retornaram 74, praticamente 50 %. Mas uma precisão tem que ser feita, pensamos que a taxa de retorno é mais elevada porque efectivamente os questionários que distribuimos foram 100, deixando os restantes 50 na sala da Direcção³⁶ para abranger outras pessoas que não tivessem ainda aparecido na Universidade³⁷.

O questionário dividia-se em duas partes: a primeira parte era composta por questões com o objectivo de obter dados de caracterização de cada um dos formandos, tais como a idade, o sexo, a profissão que desempenha(va), a situação na profissão, as habilitações, o estado civil, e dados semelhantes referentes ao cônjuge. Na outra parte do inquérito as questões visavam obter informações sobre alguns hábitos culturais, designadamente de leitura e de lazer, para além de inquirir sobre as razões da frequência

³⁴ Como já referimos, alguns dos membros da Universidade da Cultura e do Lazer apenas a frequentam para conviver, portanto só os encontramos no bar, na sala da Direcção, ou no espaço da biblioteca.

³⁵ A necessidade de óculos e de tempo para pensar, evitando responder na hora, foram as características que levaram a que 10 pessoas precisassem de preencher em casa. Ainda não nos tínhamos deparado com estas questões noutras investigações com população mais jovem.

³⁶ Solicitámos à responsável pela área administrativa para nos avisar ou distribuir os inquéritos a quem não tinha ainda aparecido na Universidade, assim como a outras duas pessoas da Direcção.

³⁷ Um facto que registámos é que há um número mais ou menos constante de formandos que aparecem regularmente na Universidade, que ronda aproximadamente o número dos que inquiri, existindo outros que podem faltar durante meses. E, no fim de três meses de espera, nenhum desses 50 questionários tinham sido preenchidos.

desta instituição e ainda solicitar a opinião quanto a alguns aspectos relacionados com as actividades culturais ligadas à Universidade e à educação para a terceira idade³⁸.

O inquérito por questionário, dirigido aos formadores, tem uma estrutura semelhante ao inquérito dos formandos, de forma a possibilitar algumas comparações, mas contendo especificidades como, por exemplo, se tinham alguma formação na área da educação de adultos, além de inquirir sobre os métodos pedagógico/didácticos que utilizavam nas suas actividades educativas/formativas.

Na definição da melhor altura para distribuir os inquéritos aos formandos também foi decidido que seria adequado distribuí-los igualmente aos formadores, pois seria no início das actividades o momento propício para encontrar ambos os intervenientes. Porém, aconteceu que muitos dos formadores faltaram ainda mais nesta altura do que durante o resto do ano, devido ao excesso de trabalho³⁹. Assim, dos 19 formadores⁴⁰ existentes, só cinco é que responderam.

Decidimos, no início do “ano lectivo” seguinte, mais propriamente em Outubro de 2002, tentar superar a dificuldade sentida na distribuição e preenchimento dos inquéritos por parte dos formadores. Conseguiram-se mais quatro devoluções de inquéritos, embora desta vez se tenha distribuído por quase todos os professores⁴¹ e feito alguma pressão para a entrega.

³⁸ Os diferentes dados e a sua análise serão objecto do próximo capítulo.

³⁹ Alguns destes formadores leccionam noutros estabelecimentos de ensino e estes meses coincidem com o fim do ano lectivo nessas escolas, originando uma maior acumulação de trabalho.

⁴⁰ Estes 19 formadores correspondem a todos os responsáveis das actividades culturais, excepto da alfabetização. Isto porque a maioria das formadoras são simultaneamente formandas noutras actividades e preencheram os inquéritos respectivos. Para evitar novos preenchimentos dos inquéritos relativos aos formadores e tendo em conta a quantidade e profundidade dos dados recolhidos durante as muitas horas de observação directa desta actividade, não considerámos nem relevante nem imprescindível o preenchimento de outro questionário.

⁴¹ No total conseguimos contactar e distribuir os inquéritos por 14 formadores, tendo sido devolvidos nove inquéritos.

2.4 Tratamento dos dados de investigação

Ao nível das notas de campo, das entrevistas e de documentos que fomos obtendo, a sua análise foi sendo realizada ao longo da pesquisa⁴², o que não excluiu que no final da investigação não tivesse lugar nova análise.

As diferentes categorias de classificação⁴³ entretanto criadas, a partir dos dados, permitiram organizá-los e utilizar uma técnica de análise de conteúdo mais descritiva⁴⁴.

Para além deste tratamento também procedemos à análise quantitativa dos questionários⁴⁵, embora regida por objectivos mais de cariz descritivo.

⁴² Bogdan & Biklen (1994) referem a diversidade de formas que existem de investigação qualitativa e de trabalhar e analisar os dados, mas apontam essencialmente dois modos: “Poderá ser útil pensar em dois modos de enquadrar as abordagens à análise. Numa das abordagens, a análise é concomitante com a recolha dos dados e fica praticamente completa no momento em que os dados são recolhidos. (...) No entanto, os investigadores nunca a utilizam na sua forma mais pura, aproximando-se apenas dela, dado que a reflexão, sobre aquilo que se vai descobrindo enquanto se está no campo de investigação é parte integrante de todos os estudos qualitativos” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 206). O que concretizámos foi uma aproximação à análise no campo, ou seja, ao longo do trabalho de campo, para além do registo dos acontecimentos no diário de campo, fomos avaliando, analisando, planeando e formulando questões.

⁴³ Sobre esta matéria consultar Bogdan & Biklen (1994, pp. 220- 241).

⁴⁴ Vala apresenta no seu artigo as diferentes formas que pode tomar a análise de conteúdo, tendo em conta o tipo de pesquisa empírica e os seus objectivos (cf. Vala, 1990, pp. 101-128).

⁴⁵ O questionário foi objecto de tratamento informático para efeitos de obtenção de resultados, cujo tratamento foi realizado por um técnico de informática.